

## ORIENTE MÉDIO

Sem revelar o conteúdo da proposta, presidente dos EUA descarta acordo com o regime islâmico de Teerã, mas mantém silêncio sobre possível retomada das ações militares. Reprovação à guerra empata com a do conflito no Vietnã

# Trump diz não a nova oferta do Irã

Jim Watson/AFP



O presidente desembarca na Flórida para o fim de semana: negociações congeladas e planos de ataque em estudos



**Não estou satisfeito com o que estão oferecendo. Estão pedindo coisas com as quais não posso concordar"**

*Donald Trump, presidente dos EUA*

decidir pela retirada das tropas norte-americanas. Naquela altura, as baixas militares sofridas pelos EUA eram da ordem de 50 mil mortos. No atual conflito, o país registra oficialmente 13 mortes.

A erosão do apoio ao presidente, cujo desempenho é desaprovado por dois entre três norte-americanos, tem relação direta com o impacto econômico da guerra. Desde os primeiros ataques, as cotações internacionais do petróleo dispararam nos mercados globais, e chegaram ao fim desta semana em patamar superior a US\$ 110

o barril, contra US\$ 70 antes do conflito. Trump insiste em afirmar que os EUA não dependem de óleo importado do Golfo Pérsico, mas assim mesmo o preço da gasolina nos postos é o mais alto em décadas. Em novembro, na metade do mandato, ele enfrenta eleições legislativas, e corre o risco de perder a maioria em ambas as casas do Congresso.

### "Sem imposições"

Embora Trump sustente que nos 60

dias de guerra os EUA "dizimaram" as capacidades bélicas do Irã, além de terem "aniquilado" seu comando militar e político, o tom de Teerã segue desafiante, mesmo diante de novas sanções anunciadas por Washington. O Departamento de Tesouro anunciou ontem medidas contra três instituições iranianas de câmbio, com o objetivo de "asfixiar os recursos financeiros" do regime islâmico. Um alvo, em particular, é impedir o recebimento do "pedágio" instituído unilateralmente sobre o tráfego naval pelo Estreito de Ormuz.

Em resposta, o chefe do poder Judiciário iraniano, Gholamhossein Mohseni Ejei, afirmou que o país segue aberto a dialogar com os EUA, mas não sob ameaça. "A República Islâmica nunca renunciou às negociações", disse, em um vídeo publicado no site do Judiciário, Mizan Online. "Mas, de fato, não aceitamos imposições."

## Brasileiro detido em Israel

O brasileiro Thiago Ávila e o palestino-espanhol Saif Abu Keshek, detidos na quinta-feira com cerca de 175 ativistas a bordo de uma flotilha humanitária rumo a Gaza, serão interrogados em Israel, indicaram as autoridades. A maior parte dos ativistas dessa flotilha, que inicialmente contava com mais de 50 embarcações, desembarcou ontem na ilha grega de Creta, em cuja costa foram interceptados pelas forças israelenses.

Os detidos, na maioria europeus, embarcaram em quatro ônibus no porto de Atherinolakkos. Escoltados pela guarda-costeira grega, seguiriam para Heraklion, a capital da ilha, segundo a imprensa local. Os barcos da flotilha que não foram interceptados seguiram para Ierápetra, em Creta.

Entre os que desembarcaram na ilha grega não estão, segundo o Ministério das Relações Exteriores de Israel, nem o ativista brasileiro Thiago Ávila, membro do comitê organizador da Flotilha Global Sumud, nem o palestino-espanhol Saif Abu Keshek. Em mensagem no X, a chancelaria israelense afirmou que o brasileiro é "suspeito de atividade ilegal", sem mais detalhes, e que Abu Keshek é "suspeito de filiação a uma organização terrorista".

A mulher de Thiago Ávila, Lara Souza, disse à agência de notícias France Presse (AFP) que não pôde comunicar-se com o marido desde a tarde de quarta-feira. "O governo brasileiro está tentando intervir, mas também não está conseguindo resposta", informou. Acompanhado da ativista sueca Greta Thunberg e da ex-prefeita de Barcelona Ada Colau, o brasileiro participou, no ano passado, de outra flotilha com destino a Gaza, igualmente interceptada por Israel. Na quinta-feira, Israel afirmou que 175 ativistas (211, segundo os organizadores da expedição), a bordo de 20 embarcações, haviam sido interceptados na costa de Creta, no Mediterrâneo oriental.

A flotilha era composta por mais de 50 barcos que partiram de Marselha (França), Barcelona (Espanha) e Siracusa (Itália). A AFP verificou, com base em dados fornecidos pelos organizadores, que as embarcações foram interceptadas na Zona Econômica Exclusiva (ZEE) da Grécia.

## Apoio em queda

"Queremos ir lá e simplesmente rasá-los e acabar com eles para sempre? Ou queremos tentar chegar a um acordo?", propôs o presidente, ao ser questionado por jornalistas sobre a condução da guerra. "Essas são as opções", completou, acrescentando que "preferiria não" optar pela primeira alternativa, "por uma questão humana".

O dilema, para a Casa Branca, é ilustrado pelos números de uma pesquisa divulgada ontem pelo jornal *The Washington Post*. Nela, 61% dos entrevistados consideraram errada a decisão de Trump de atacar o Irã. O índice se equipara ao da rejeição à Guerra do Vietnã, em 1971 — dois anos antes de o presidente Richard Nixon

## Conexão diplomática



por Silvío Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

## Janela entreaberta com a Europa

O acordo comercial entre Mercosul e União Europeia entra em vigor, após quase três décadas de negociações tortuosas e entrecortadas, em um momento peculiar do cenário global. Por isso mesmo, agora os impactos puramente econômicos, ele oferece ao Brasil, particularmente, uma oportunidade concreta para recalibrar a inserção e a interação em um mundo em plena reconfiguração.

Dois conflitos se entrelaçam no aspecto crítico das relações carnis entre os Estados Unidos e o Velho Continente. Na Ucrânia e no Oriente Médio, a Casa Branca de Donald Trump está em franco

descompasso com os aliados de quase um século — uma relação selada na 2ª Guerra Mundial e consolidada ao longo da Guerra Fria, nos marcos da Otan. Os desencontros não constituem antessala inevitável para uma ruptura. Mas redefinem os termos da equação, das coeficientes às variáveis.

Terceiros e quartos interessados podem encontrar flancos a explorar, especialmente com uma Europa ressentida e resabiada.

### Pássaro na mão

A conexão diagonal entre América do Sul e Europa Ocidental tem uma história de 500 anos, entre idas

e vindas — dos laços coloniais à atual associação comercial. Em uma e outra margem do Atlântico, governos e agentes econômicos movimentam-se entre os desdobramentos de uma queda de braço da qual são, no fundamental, espectadores: a disputa entre EUA e China pela hegemonia global. Aqui como lá, a segunda metade do século 20 foi pautada pela Guerra Fria. Na geopolítica da ordem mundial bipolar, estavam ambos sob o guarda-chuva do Tio Sam.

Passadas oito décadas, a ascensão chinesa e as dificuldades crescentes de Washington para firmar uma hegemonia aconselham a UE e o Mercosul a agarrar o "pássaro na mão", segundo recomenda a sabedoria popular.

## Cravo ou ferradura?

A diplomacia brasileira vai em compasso de espera até outubro, quando as urnas decidirão — fora outras disputas — a opção a prevalecer na política externa. Com Lula reeleito, tende até a se aprofundar a opção por uma estratégia alicerçada em uma ordem global multipolar. Com Flávio Bolsonaro, a balança pende para o alinhamento preferencial — quase incondicional — com a Casa Branca de Trump.

### Duas incógnitas

Antes mesmo do Brasil, dois vizinhos no litoral do Pacífico decidem nas urnas os rumos para os próximos anos. Em ambos os casos, a sombra que se projeta é a da Doutrina Donroe. O nome, cunhado entre os observadores da geopolítica, faz a fusão entre o prenome do atual

presidente e o sobrenome de James Monroe, que, um século atrás, proclamou o rompimento decisivo com o colonialismo europeu sob o lema "a América para os americanos".

No fim deste mês, a Colômbia vota no primeiro turno da eleição presidencial. O candidato da esquerda, Iván Cepeda, aparece até aqui como favorito para suceder Gustavo Petro, ex-guerrilheiro e primeiro esquerdista a governar o país em dois séculos de vida independente — e republicana. Em junho, o Peru vai ao segundo turno entre Keiko Fujimori, trumpista, e Pedro Sánchez, da esquerda. Ambos os países, pela geografia física e econômica, colecionam afinidades com a Ásia do Pacífico. No Peru, a despeito da instabilidade política crônica, a China vem de inaugurar o megaporto de Chankai, ponta de lança para uma ferrovia que deve rasgar o continente até o litoral atlântico do Brasil.